

A woman with blonde hair styled in an updo, wearing a grey long-sleeved dress, is holding a cluster of red berries. She is positioned in front of a dense background of dark green ivy leaves and clusters of red berries. The lighting is soft, highlighting the woman's face and the berries she is holding.

DE A casa VIDRO

ANNA
FAGUNDES
MARTINO

DAME
BLANCHE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Copyright © 2016, Dame Blanche, Anna Fagundes Martino

CAPA

Marina Avila

REVISÃO

Ana Cristina Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO

Samuel Cardeal

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

M386c Martino, Anna Fagundes, 1981-

A casa de vidro / Blumenau: Dame Blanche, 2016

1. Noveleta I. Título

CDD: B869.3

CDU: 821.134.3(81)

Todos os direitos reservados

SUMÁRIO

[I. 1910](#)

[II. 1868](#)

[III. A NEVASCA](#)

[IV. O HERDEIRO](#)

[V. A PARTIDA](#)

[VI. O QUE RESTA](#)

[VII. A NOITE](#)

[VIII. A VÉSPERA](#)

[IX. A FRONTEIRA](#)

[X. O DOSSEL](#)

[XI. 1919](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[LEIA "UM BERÇO DE HERAS"](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO I](#)



I. 1910

— A SENHORITA queria me ver?

Eleanor olhou para a figura no meio da estufa abandonada, imóvel contra a luz que vinha dos vidros barrados de sujeira, mofo, musgo, teias de aranha e excrementos de pássaros. Há quanto tempo não abriam as portas daquele lugar? Ela sequer se lembrava se ainda havia uma chave. Tudo tinha sido trancado quando seu pai morrera e ela se casara. Quase quatro décadas depois, no entanto, nenhum vidro havia rachado; a estrutura de metal ainda estava intacta, a tinta verde descascando, mas nenhum sinal de ferrugem nos arcos que se cruzavam em cúpulas que imitavam as fortalezas dos marajás. O aparentemente frágil castelo de vidro que seu pai tinha erguido por capricho — que ele nunca soube administrar sozinho e que o marido de Eleanor nunca tivera o menor talento para manter- iria sobreviver a todos os seus descendentes por séculos e séculos.

Por entre plantas há muito reduzidas a pó, em meio ao cheiro de poeira e vegetação decrépita, a imagem daquela moça de costas para Eleanor, usando um vestido azulado sujo de terra nas barras bordadas, parecia uma miragem. Uma miragem muito arrumada, o cabelo castanho escuro preso em uma trança que lhe batia na cintura, as mãos pequenas entrelaçadas no alto do peito. Era uma visitante inesperada, vinda logo de manhã cedo, junto com o frio que rasgava os campos com toda a força possível em um fim de inverno.

Eleanor estranhou, de qualquer forma, que alguém fosse vê-la. As visitas, quando vinham, era para o filho, nunca para a dona da casa: quando o marido morrera, também ela deixara de existir diante dos olhos do mundo. E

quem faria tanta questão de ser recebida em meio a ruínas?

— Me perdoe se isso lhe assusta — a visitante disse, cada palavra claramente pronunciada devagar, como se estivesse aprendendo o idioma. — Eu também estou assustada.

A jovem estendeu a mão para tocar um caule enegrecido que ainda insistia em manter-se apesar das décadas. Os dedos percorriam os espinhos com cuidado, acariciando-os, deixando que as pontas afiadas lhe atravessassem a pele acobreada. Eleanor levou as mãos à boca, mordendo os nós dos dedos, engasgada com lágrimas ao ver como o chão embaixo de seus pés se cobria subitamente de grama cor das esmeraldas, como as rosas se multiplicavam pelo caule que a garota tinha em mãos, como do nada as glicínias se erguiam púrpuras e perfumadas pelos arcos das janelas, cobrindo metade da estrutura em questão de segundos: um teto vivo da cor preferida de Eleanor.

Aquela gargalhada quase infantil, ecoando por toda a estufa, aquele entusiasmo de quem não acredita no próprio truque, de quem ainda se surpreende com a cor das plantas daquele lado do mundo: aquele som morava dentro do peito de Eleanor há décadas. Era o que lhe consolara e lhe dera forças nos piores dias. Aquele som que lhe tinha lhe arrancado sorrisos tristes quando ela se lembrava de quando tinha dezessete anos, aquele castelo de vidro era novo, recém-inventado, e o segredo de todas as coisas tinha lhe sido revelado nas palavras daquela voz cálida que ria como um menino impossível.

A moça enfim virou-se para trás, as mãos erguendo as barras do vestido. Ela tinha o cabelo e os olhos claros daquele homem, mas o corpo ossudo das mulheres da família de Eleanor. Uma mistura perfeita, medida e pesada com exatidão matemática, dos dois rios de sangue que compunham sua origem. A jovem fez uma medida e Eleanor viu, pendurada em seu pescoço comprido, a pequena medalha que ela tinha lhe deixado: um pedaço de seu mundo, para que sua filha conhecesse a aparência da mãe.

— Stella — Eleanor gaguejou. — É você.

Eleanor procurou um lenço nas dobras de sua saia, com medo de baixar o rosto e perder aquela figura mítica de vista. Stella se aproximou com passos curtos, erguendo os dedos com medo, parando muito perto dos ombros de Eleanor, como se ela também fosse uma árvore morta que poderia ser recuperada com um toque de sua mão.

— Ah, eu não queria fazê-la chorar — Stella disse, franzindo a testa e

tocando as lágrimas do rosto de Eleanor com leveza, curiosa ao ver como aquilo molhava sua pele. — Achei que você iria ficar feliz em me ver.

— Estou feliz! Você não tem ideia! Nunca pensei que iria... Meu Deus, você é mesmo a cara do seu pai!

— Sou? — franziu a testa de novo. — Isso é bom, não é?

Era a voz dele. Era a voz *dele* em um tom feminino. Em lágrimas, Eleanor abraçou a jovem sem estranhar que ela não retornasse o gesto, que mantivesse os braços erguidos, paralisados. Não porque não sentisse a mesma emoção; era apenas porque Stella, muito provavelmente, não entendia como funcionava aquela demonstração de afeto. Era mesmo filha dele: do homem que habitara a casa de vidro, tantos e tantos anos antes.



II. 1868

— NÃO SEI ONDE você arranhou esse jardineiro, mas não o deixe escapar por nada nesse mundo, Aurelius!

A pergunta corria de casarão em casarão e pelas estradas do condado: de onde, afinal, tinha vindo aquele sujeito alto e descabelado, os cachos caindo sobre os olhos como se não conhecesse pente nem escova? Viera em um dia de outono sem bagagens e sem recomendações, roupas gastas e sem chapéu, pedindo emprego na casa de Aurelius. Qualquer coisa servia, mas ele era muito bom com plantas. Falava em um ritmo de aprendiz e um sotaque irreconhecível, a voz melodiosa quase inaudível por vezes. Dali, ele não era; tinha o ar selvagem de quem viera de longe. Aurelius entendia de selvagens: seu pai tinha sido militar em terras distantes, crescera entre sadhus e marajás: podia muito bem adotar um daquela tribo em sua casa. Se soubesse trabalhar, por que não? Aquela estufa gigantesca que inventara de construir certamente precisava de cuidados.

As empregadas adoravam o rapaz, que a custo descobriram se chamar Sebastian. Já os empregados ficavam se perguntando pelos cantos o porquê de tanta comoção. Era pelo sotaque ou pelos olhos verdes claros? Era o modo como ele andava ou como olhava para as coisas mais bobas com curiosidade? Quando podia, o estranho passava seu tempo na cozinha, olhando as chamas do fogão, pondo os dedos em todas as panelas, deixando as mãos nas tinas de água dentro da pia até que os dedos enrugassem, comendo o que lhe

oferecessem com apetite de lobo, sem distinguir o amargo do doce.

— Parece um menino — a cozinheira dizia. — Deve ser doente da cabeça.

— Vai ver que as coisas são diferentes lá na terra dele.

— E não tem fogão na terra dele? Não tem louça? Como eles fazem?

Se não estava distraído com a alquimia das refeições, o estranho estava na estufa, o grande castelo de vidro que Aurelius mandara construir à imagem e semelhança (e em escala bem reduzida) daquele imenso pavilhão de aço da Grande Exibição do Império. Aurelius era recém-casado naqueles dias de festa na capital: o mundo lhe era imenso, e a construção de vidro e metal nunca fugiu de sua mente. Agora tinha seu próprio pavilhão, mas não tinha mais a esposa: o que restara, no lugar, era a filha de cabelos castanhos que a lua-de-mel em Londres lhe rendera e que agora, em seus vestidos de luto em bombazina, os cabelos escondidos em véus, andava pelos jardins com passos muito pesados e irritados, coçando a cabeça que odiava a seda do traje. A menina um dia tinha dito que queria um castelo só para si, como os das princesas: o dono da casa lhe deu aquela construção de vidro. Não era bem o que ela imaginava, mas logo ocupou o lugar à sua maneira: fazia festas imaginárias e chás da tarde com suas bonecas debaixo das cúpulas transparentes, enchendo os cabelos com as flores que cresciam no terreno aquecido e brincando com fadas que só seus olhos poderiam ver.

Aurelius se dizia um homem ocupado. Talvez fosse. Também era terrivelmente distraído. Só assim para não ter notado os animais estranhos que começaram a aparecer pelos campos. O guarda-caças abatera um veado que era praticamente um monstro de tão grande, de um tom quase rubro nos pelos, coisa que só se via em livros. Raposas que mais pareciam cachorros se escondiam nos troncos das árvores próximas à estufa. Morcegos se alojavam em qualquer canto mais escuro que houvesse dentro da casa. E a cozinheira agora tinha que espantar pássaros brancos da plantação de ervas que mantinha nos fundos do quintal. Achou que eram gaivotas; não seria estranho, ainda mais no inverno, quando os bichos fugiam da costa atrás de comida e de pouco vento. Mas não eram.

— Não existe corvo branco, Eliza — o mordomo bufou. — Deixe de sandices.

— Mas eu vi!

— Você *acha* que viu. Esses troços...

— Na verdade, existem e são belos — o jardineiro ergueu a voz e todos

se voltaram para ele, surpresos em ver que estava ali, em primeiro lugar, sentado a um canto da cozinha, pernas compridas encolhidas no assento, os joelhos encostando no queixo. Surpresos ficaram também ao ver que Sebastian estava prestando atenção em uma conversa que não lhe dizia respeito e ainda por cima àquela distância. O jardineiro continuou, no mesmo tom de voz. — Eles realmente devem estar com fome, para tentar comer cebolas por nascer.

— E você certamente entende desse tipo de bicho, não é mesmo, Sebastian? — o mordomo o fuzilou com o olhar. — Animal de mau agouro é bem sua especialidade.

O jardineiro não respondeu, apenas o observou com o mesmo ar curioso que dedicava ao fogão e aos pratos nas tinas, como se seus olhos não pudessem vê-lo. Aquilo enfurecia o mordomo de tal maneira que, por vezes, Aurelius precisava finalmente sair de seu estupor e intervir, enfim, na vida dos empregados. Enquanto o jardim continuasse atraindo visitantes e invejosos, Sebastian mantinha o emprego e a afeição de seu patrão.

Não era só a afeição de Aurelius, no entanto, que mantinha o estranho jardineiro em seu lugar. O dono da casa não teria notado o caos se não fosse a filha.

Eleanor notava muito bem que, sob as mãos de seu novo empregado, as plantas da estufa cresciam com força demasiada; que as heras se espalhavam pelas paredes em questão de horas; que as rosas, antes somente brancas ou vermelhas, agora surgiam em tons indecentes de laranja, lilás, vinho. Os outros empregados, ocupados com seus afazeres, não tinham tempo de notar os jardins tão de perto. Havia flores novas, que bonito!, diziam — e voltavam a esfregar as roupas, rachar lenha ou lavar as louças.

Sem nenhuma outra obrigação senão manter-se respirando debaixo da bombazina do luto, a jovem poderia passar horas observando o tal Sebastian trabalhar: vendo como ele caminhava pelas alamedas com os ombros caídos e os olhos no chão, como tinha as mãos e os joelhos encardidos postos contra a terra dura, sempre com o mesmo sorriso embasbacado: como se também não compreendesse aquilo que trazia para o mundo. Como se cada minúsculo pé de planta, frágil ou forte, fosse um milagre a ser celebrado.

E por vezes parecia que o jardineiro fazia aquilo de propósito, provocado pela filha de seu patrão. Se Eleanor dissesse que queria irises para o jardim, no dia seguinte elas apareciam em grande florada, escandalosamente azuis, mesmo que não fosse época; um dia, ela dissera que

sonhara com flores roxas e na manhã seguinte uma alameda inteira da estufa estava tomada de glicínias em tons quase eclesiásticos de púrpura.

— Como você faz isso? — ela perguntou uma manhã, chocada com a visão das glicínias em cachos da altura de seus braços, o perfume doce tomando conta da estufa.

— Não entendo a pergunta.

— Como não entende? Creio ter sido bem clara. Plantas não florescem da noite para o dia! Como você faz isso?

— Realmente não entendo a pergunta. Você pediu flores desta cor; criei como você me pediu. Por que precisa saber de onde elas vieram?

— Porque não é *normal*! — Eleanor finalmente explodiu, batendo o pé no chão com força. Sebastian deu um passo para trás, os olhos claros arregalados. Não era medo, ou não são só medo, o que estava estampado em seus olhos. Estava acima de tudo surpreso, como quem se espanta com um boneco de corda que sai de dentro de uma caixa de surpresa. Aquilo deixou Eleanor ainda mais irritada, as maçãs do rosto tão quentes que chegava a suar.

Mas o que ela poderia fazer contra ele? O sujeito tinha o dobro de seu tamanho, o dobro de sua força. Era um empregado, mas antes disso um homem. E parecia, realmente, naquele olhar surpreso, o tolo que os outros empregados diziam que era. Sebastian se afastou um pouco, arrastando os pés pela terra avermelhada, deixando rastros de brotos de grama que Eleanor jurava não estarem ali antes.

— Vocês têm uma obsessão por isso de normal — ele disse, a voz muito baixa. — Não faz sentido. Não entendo. O que seria isso? E quem decide?

— Bem, certamente não sou eu — Eleanor admitiu.

— Se não é você quem decide, por que então se preocupa tanto? São só flores.

Sim, somente flores: como as que ela via em sonhos, como as que ela imaginava que adornavam seus cabelos quando ela era criança em seus bailes com fadas. Aquilo causava uma confusão dentro da sua cabeça para a qual não conseguia dar um nome. Ninguém parecia notar aquilo em seus olhos, distraídos que estavam com a primavera eterna que Sebastian parecia promover, ocupados em sobreviver.



III. A NEVASCA

QUANDO VEIO o Natal, a casa caiu em um silêncio doloroso e quase constrangedor em comparação com a alegria que emanava do resto da vila. Aurelius odiava a data: a esposa lhe fora arrancada pela morte naquela época. Os empregados seguiram para a Missa do Galo na igreja da vila, o dono da casa dormiu sem cear. Eleanor ficou andando de um lado para o outro, desacorçada: não queria ir à missa, mas tampouco queria o silêncio daquela casa. Não queria enfeites ou preces, mas também se sentia chateada por não ter sido convidada para bailes — odiava o luto que a obrigava àquele silêncio e distância, ao isolamento quase sanitário, como se o preto de suas vestes fosse contaminar todo o ambiente e fazer as pessoas lembrarem que também elas morreriam e logo.

Olhando pela janela, tarde da noite, o pai dormindo, os empregados em suas acomodações, ela notou uma luz estranha dentro da estufa.

Estava nevando muito forte, mas dentro da casa de vidro o ar era quente e úmido como diziam que o verão era nas selvas. Sebastian estava sentado debaixo de uma árvore, acariciando um corvo branco pousado em seu antebraço. As mangas da camisa estavam erguidas até os cotovelos, os pés, descalços, revelavam cicatrizes e manchas profundas de um tom azulado que não existia na natureza humana.

As raposas agora andavam tranquilas pelas alamedas, livres e selvagens, manchas de fogo pelo chão escuro. Eleanor olhou em volta quando entrou na

estufa, embrulhada no casaco de pele de Aurelius: a luz não vinha só do lampião ao lado do jardineiro. Parecia que cada planta naquele lado da estufa era um candelabro, fazendo o ambiente brilhar como um diamante. Ela respirou fundo, sentindo as barbatanas do corset mordendo sua pele, o perfume de flores que não eram daquele mundo atordoando seus sentidos.

O corvo grasnou, Sebastian olhou para a porta aberta. Ele não pareceu assustado. Com um gesto, ele espantou o pássaro para fora da estufa, observando-o desaparecer entre os flocos de neve que desabavam com a força de uma maldição contra o vidro do teto. As raposas também sumiram como fumaça, não deixando nenhum traço de sua passagem. O lugar ficou silencioso: nada senão o peso da respiração de ambos.

— Você não foi à missa — foi a única coisa que ocorreu a Eleanor para dizer em seu choque.

— Não entendo de missas. — Ele voltou sua atenção para o lampião, regulando a luz que vinha dele, como se aquele encontro fosse normal. — Não entendo muito como funcionam esses templos. Que tipo de Deus é esse para quem vocês tanto oferecem palavras e velas e fumaça doce? Ele responde quando vocês falam com ele? Aqui, venha mais para perto. Meus olhos não te enxergam se você fica longe.

— Você é míope? — Ela riu, passo após passo atravessando o jardim até alcançá-lo — Então é por isso que fica encarando as coisas desse jeito? Porque é muito mal-educado, você sabe. Ficar olhando as mulheres assim.

— Regras demais. Esse mundo de vocês tem regras demais. Como vocês dão conta de lembrar de tudo?

Eleanor se aproximou da árvore. O jardineiro a encarava, ainda sentado, as pernas compridas dobradas contra si. Ela ajeitou as saias com cuidado para sentar-se diante dele, sem conseguir desviar os olhos das manchas azuis. Era como lápis-lazúli, veias brancas correndo pela superfície polida e suave, uma armadura contra a pele, pedindo para serem tocadas por dedos curiosos.

— Agora é você quem está encarando — Sebastian disse com uma risada, enquanto erguia o antebraço para que ela visse melhor as manchas — As regras mudam só por que é você quem olha?

— Onde você conseguiu essas marcas?

— Oh, não se preocupe. Não é nada demais. Não estou aqui há tempo o suficiente para que elas sumam por completo, só isso.

— Estar *aqui* tempo suficiente.... — Eleanor suspirou — Você é um demônio, Sebastian?

— De novo esse nome! O homem mordomo me jogou água na cabeça dizendo que eu era isso. Acho que ele esperava que eu queimasse ou algo assim. Não penso mal dele. Ele estava intoxicado. Coisa encantadora, o corpo humano... O quanto ele é capaz de fazer e desfazer e quão frágil ele é! Um copo de bebida estranha e toda a estrutura desmonta.

Aqueles termos não faziam sentido para ela, mas aquilo não parecia mais importar. Ele era estranho, mas parecia que ali era mais rei do mundo do que ela jamais seria. De qualquer forma, era mais amigável do que ficar dentro de casa, cercada pelas memórias e pelo frio. Estava confortável, talvez até demais, envolta pelo calor atrativo e reconfortante: a pele do casaco lhe pesava e o aroma das flores forçavam seus olhos a se fechar contra sua vontade.

— Se tem sono, posso arranjar um lugar para você dormir — ele disse.
— Sei que vocês precisam de descanso.

— Não posso dormir aqui...E ainda por cima com você! — Ela abriu os olhos na mesma hora.

— Perdão se não entendo — Ele franziu a testa.

— Meu Deus, você é pior do que uma criança! — Ela esfregou as têmporas. — Eu sou uma dama. Damas não ficam sozinhas com cavalheiros... Ainda mais em situações como essa. Minha reputação ficaria comprometida. E é tudo o que eu tenho.

— Viu o que eu disse? Regras demais... Você está sozinha aqui comigo agora. Faz diferença se for acordada ou dormindo?

— Mas é claro que faz!

— Ah! Acho que entendi seu medo. Você acha que vou fazer como o homem mordomo e tirar suas roupas enquanto você dorme. Ele faz isso com as outras moças na casa. É isso? — Ele se encolheu novamente. — Não vou dizer que não tenho curiosidade. Mas parece que não é certo. Se fosse, ele não se esconderia quando há alguém no corredor. Mas... De qualquer forma, você pode inventar uma história. Você é boa nisso.

— Sou?

— Sim. Você diz uma coisa e sente outra o tempo todo. Você diz que não se lembra mais da sua mãe e me manda plantar capim-limão porque era o perfume na pele dela. Diz para aquele homem que vem lhe visitar com flores mortas e caixas de comida doce que você tem consideração por ele, quando só falta vomitar de medo quando ele aparece na sua frente... Por que não pode dizer que não está aqui quando está?

Ela deveria ter ficado; queria ter respondido, queria ter enfiado as unhas contra aquele rosto presunçoso. Ao invés disso, partiu — fugiu pela neve, o rosto em brasa, assustada com o que ouvira. E, como praga, ficara doente por conta disso: passou o Ano-Novo de cama, febril, culpa da neve na qual se afundara quase até os joelhos.

Em seus sonhos, o dossel de sua cama era uma floresta, glicínias e orquídeas pendendo do teto em cortinas coloridas; os lençóis eram feitos de grama alta e azevinhos pontiagudos, lhe arranhando a pele a ponto de tirar sangue. E em seus delírios, podia jurar que as manchas cor de safira lhe subiam pelas pernas, queimando, arrancando gritos de dor e rugidos dos pulmões carcomidos pelo inferno em seu sangue.



IV. O HERDEIRO

STELLA OLHOU PARA a porcelana esverdeada sobre a toalha de renda diante de si e depois para Eleanor. A senhora ficou com pena do pânico no olhar claro da garota: era só chá da tarde, nem era uma refeição grande, mas para ela parecia um monstro indomável. Stella desviou o rosto, mordendo o lábio inferior com raiva por ter sido vista com medo; nisso ela era mais como Eleanor. A senhora sentiu de novo a pontada no centro do peito, a marca da tristeza.

— Pegue um pouco de cada vez. Se está deste lado do mundo, em algum momento vai acabar sentindo fome.

— Você vai na frente e te imito. Pai disse que era um jeito bom de aprender.

— Sem dúvida. — Eleanor serviu um pouco de chá para a garota. — Eu tenho tantas perguntas...

— Se puder responder, respondo.

— Você... É como ele? Digo... As manchas e... — apontou o centro do peito.

— Mais ou menos. Acho que as manchas estão aí. Não me olhei ainda desde que atravessei o véu. Deve ter acontecido. E como você me gerou, então tenho tudo o que você tem. — Apontou o peito, imitando Eleanor. — Embora ele não bata muito forte. Não tenho uso para esses órgãos do meu lado.

— Por que você não veio antes?

— Oh, não era hora. Precisava aprender muita coisa antes. E, bem... Há o problema dos ritos...E das classificações... Como você me explicaria para o homem com quem você dividia o leito? Ele não entenderia como você pôde ter me gerado sem ruína. Ou entenderia? — Olhou para o reflexo da janela na superfície do chá em sua xícara. — Vim quando era para vir e é só.

— Sebastian ainda está vivo?

— Não como você se lembra dele. O corpo dele não aguenta mais a travessia. Isto é de beber, suponho? — Apontou a xícara.

— Deus, você é filha dele mesmo... — Eleanor riu um pouco, aliviando o nervoso que sentia — Sim, Stella, é de beber. É chá. Só tome cuidado, está quente.

Stella assentiu e ergueu a xícara pequena com as duas mãos, tomando a bebida em goles minúsculos e cuidadosos, como se testasse para ver se havia veneno no líquido. A porta da sala bateu com força e Eleanor ergueu os olhos para algo atrás dos ombros de Stella, que quase derrubou a porcelana na mesa. Era um homem muito alto, loiro e de olhos azuis como o pai, em um uniforme de um tom triste de marrom. Stella parecia bem mais nova do que ele, e, no entanto, tinha vindo ao mundo quase cinco anos antes daquele militar que agora cumprimentava a mãe com um beijo no rosto.

— Visitas? — ele sorriu — Ora! Coisa rara por aqui.

— Meu filho, Mark — Eleanor estava rubra. — Esta é Stella. — Ocorreu-lhe que apresentá-la com mais profundidade seria impossível. Sebastian não tinha sobrenome. E, a rigor, Stella não existia, não para eles, não *entre* eles.

— Encantado. — Mark estendera a mão sem fazer maiores comentários. Stella, tremendo, imitou o gesto, franzindo a testa quando ele beijou o dorso de sua mão. Depois sorriu, admirada com o rosto do homem, encarando-o com aquela curiosidade que Eleanor conhecia melhor do que ninguém. Stella provavelmente era tão míope quanto Sebastian, um traço familiar que quase a fez rir.

— Vocês dois são parecidos — a jovem disse, por fim. — Tem o mesmo tom de voz.

— Acha? — Mark sentou-se ao lado da mãe. — É a primeira vez que ouço isso. E a que devemos a honra de sua visita, senhorita?

— Stella é filha de um grande amigo meu — Eleanor disse. — Está visitando nosso país pela primeira vez.

— Oh, é mesmo? E o que está achando?

— Bem...Bem diferente! — Ela ficou subitamente vermelha. Aceitou a mentira como uma forma de disfarce, não para si mas para a mãe. Mark era muito bonito para um humano; tinha o ar de quem muito ouvia e pouco cedia. Stella decidiu que gostava dele: parecia interessante como espécime, tão diferente da matriz que o gerara.

Eleanor mandou vir mais uma xícara à mesa. Mark se ocupava pegando sanduíches, em falar e falar para preencher o espaço vazio. Ele não se sentia constrangido, como a mãe se sentira antes, quando era Sebastian a lhe observar os movimentos. Mark era filho de seu pai e o pai dele adorava ser observado, admirado. Não negava o sangue. Ele estava adorando aqueles olhos verdes que o viam como algo a ser estudado, analisado e decupado — sem notar que Stella mal e mal o enxergava e que não tocara mais a comida à sua frente.



V. A PARTIDA

— PAPAÍ DISSE QUE **você** pediu folga. — Eleanor se aproximou de Sebastian. O verão seguia seu curso, queimando a grama do lado de fora e estragando as plantas. O jardineiro não tinha um instante de sossego, suando do amanhecer ao anoitecer, as roupas humanas lhe pesando nos ombros, andando de um lado para o outro sem parar, tentando recuperar aquilo que o Sol destruía em seu trajeto pelo céu sem nuvens. Aurelius assim o exigia: tinha se acostumado com o estado impecável de seus jardins, com os elogios que recebia por eles, as visitas atraídas pela beleza que o dono da casa nunca saberia replicar sozinho.

Depois da nevasca e da febre, por estranho e ridículo que fosse, Eleanor passou a ficar ainda mais próxima daquele estranho. Deveria ter ficado longe, sabia: aquele delírio era perigoso e aquele homem tinha língua envenenada. Mas a curiosidade era ainda mais forte do que o medo; aquilo que sentia formigando debaixo dos punhos, debaixo das têmporas e das costelas, não sossegava enquanto não o via.

Ele não parecia se importar, mesmo quando a via arrastando os pés na direção da estufa durante a noite, apenas para se acomodar a cabeça contra o ombro dele. Parecia que era a única coisa que a fazia pegar no sono: ele, que não precisava de descanso. Acordava invariavelmente na cama, as cobertas até quase em suas orelhas. Como é que ele fazia para lhe colocar ali sem que ninguém notasse?

Por observá-lo, via como ele sempre andava solitário. Como, após o

período de curiosidade e estranhamento, os outros empregados da casa o deixaram em paz com sua excentricidade, na certa tão admirados quanto a própria Eleanor com os prodígios, e mais flexíveis à ideia de que ele causava aquilo por talento ou por acordo divino. O normal deles era rezar para que os santos os livrassem de doenças, carregar amuletos para que os demônios os deixassem em paz. Um homem como Sebastian não era estranho: era apenas mais uma coisa que os céus ou os infernos tinham trazido.

E Eleanor descobriu, para sua raiva, que também era vista da mesma forma. Uma menina tola em seu castelo de vidro, vivendo de tempo emprestado até que um homem, de algum lugar, de algum círculo acima de suas cabeças, viesse e lhe colocasse nos eixos. Alguém que ela não conhecia, contra quem não poderia argumentar, que um dia teria autoridade sobre ela — e que ela teria que carregar como sua mãe carregara Aurelius: em silêncio, o vaso decorado que sustenta a planta.

— Preciso voltar — ele respondeu. O idioma já lhe vinha mais fácil, a voz um pouco mais alta, mas ainda carregado com aquele sotaque imaginário. — Já começo a me assentar demais. Não é bom.

— Eu nunca perguntei porque você veio para cá. Quero dizer, é turismo? Alguma missão divina? Trabalho missionário?

— Minha mãe era daqui. Sempre fui curioso para saber como era o mundo dela. Então me deixaram partir, contanto que não fosse muito longe. Vocês são uma espécie tão interessante que acabei me distraindo.

— Odeio quando você fala assim. Fico me sentindo um bicho no zoológico. — Ela suspirou. — Você tem mãe humana, então. O que significa?

— Não saberia explicar. O corpo é diferente. Meu pai... Você diria que ele é oco por dentro. Mas eu fui gerado dentro de uma de vocês, então eu carrego isso comigo. — Apontou o centro do peito. — Coração, não é? Meio inútil, já que não tem nada para bombear.

— Você não tem sangue?

— Não como você. Ouve. — Ele tomou a mão da garota entre as suas, como se não fosse nada demais, e a colocou sobre seu peito. — Vê? Não faz nem barulho. Ao contrário de você. Só de tocar seus dedos, já sinto como tremem. É como as árvores, só que mais forte. Acho isso bem fascinante. E a cor é tão bonita!

Eleanor deu uma risada, encostando a cabeça contra o ombro de Sebastian, apoiando mais a mão contra o peito do rapaz. De fato: o som que

vinha do peito do jardineiro era como uma goteira distante, um pingo a cada cinco segundos, ecoando pelas costelas e o esterno. Ele tinha a pele gelada, mesmo naquele calor infernal no castelo de vidro: colocar as mãos nas manchas azuladas era como tocar mármore.

— Eu bem que queria ir com você — ela disse, a cabeça ainda apoiada no ombro do jardineiro. — É permitido? Quero dizer, precisa sacrificar algum animal, alguma coisa assim?

— Oh, não! De onde tiraram que a terra gosta de sacrifícios? Coisa estúpida, matar pelo prazer de matar. — Ele franziu a testa, enojado.

Ele tomou novamente a mão da garota entre as suas, admirado como sempre com tudo que era dela: com os ossos e as cartilagens, com a pulsação e o calor do sangue, com o modo como eram parecidos, mesmo de gêneros diferentes: como os ossos se encaixavam da mesma forma nele e nela, só variando no tamanho. Quase um ano ali e tudo ainda lhe fascinava; e ela invejava aquele entusiasmo, aquele olhar brilhante, aquela energia que explodia em seu corpo oco e se convertia em cores fascinantes e em paisagens alucinantes.

— Sebastian — ela perguntou de repente, puxando sua mão para longe. — Vocês se casam? Na terra de vocês?

— O que é isso?

— Você sabe. Casamento. Um homem e uma mulher que se unem para ter uma família. Você já deve ter visto lá na igreja da vila, não?

— Ah. A troca de joias e aquele monte de palavras e as flores mortas? — Ele coçou a cabeça. — Já vi, sim. Não sabia que era para isso. Para que precisam desse rito?

— É importante pedir a bênção de Deus.

— Para aquele ato grosseiro?! — Sebastian encostou o queixo nos joelhos erguidos. — Já vi humanos gerando filhos. Suponho que deva ser prazeroso para vocês, de alguma forma... Mas, ao mesmo tempo, parece muito doloroso. É tudo muito rudimentar. Para isso, vocês precisam da bênção de um deus? — ele parou, subitamente, vendo como as maçãs do rosto de Eleanor se tingiam de vermelho. — Oh. É um daqueles assuntos que não se falam com a gente do seu gênero, correto?

— Correto — ela assentiu, constrangida.

— Desculpe. Mas você quer ver como é? Comigo, quero dizer. Com os seres do outro lado. Quer ver como fazemos?

— Oh, Sebastian! — Ela virou o rosto, escondendo-se com as mãos.

— É que você é curiosa. Eu vejo isso nos seus olhos. Eu te disse como eu vejo o modo que vocês fazem. E dá para ouvir a pergunta dentro da sua cabeça como se você tivesse falado alto. Mas não pergunta, não se atreve... A barreira do seu gênero de novo. Não podem falar, não podem perguntar, não podem coisa nenhuma. Depois ficam com aquela cara de horror quando acontece. Por isso é que ofereço: se for assim, você não precisa ficar constrangida. Pode colocar a culpa em mim. É como vocês fazem, não é?

— Você me dá sua palavra de que não vai me acontecer nada?

— Se isso lhe tranquiliza. Mas não sei do que tem medo. É só para ver, não vai ser de *verdade*.

De novo, a curiosidade ou a porta aberta. Não havia nenhuma nevasca do lado de fora, nenhum impedimento para partir. Ela se levantou, batendo as mãos nas saias cinzas — o luto pela mãe morta aos poucos esmorecendo — e assentiu, com um gesto de cabeça, engolindo em seco.

Sebastian se ergueu e a tomou rapidamente em um abraço muito forte; ela achou que ele poderia lhe quebrar as costelas. Podia sentir o mármore azulado de suas veias esquentando aos poucos, amolecendo suas defesas, um formigamento discreto na base da espinha que logo tomou conta de todo seu corpo como uma labareda. Sentiu uma súbita angústia no peito, um desespero sem motivo, como se houvesse um monstro dentro de si que precisava ser expulso; lembrou-se dos delírios de sua febre, as manchas lhe subindo pelas pernas: era ele, eram suas mãos ainda que imaginárias contra suas coxas. O longo gemido que lhe escapou pelos lábios ecoou pelo castelo de vidro.

— Vê? — Ele parecia sem fôlego, suor correndo por sua testa. — É mais ou menos isso.

— Mais ou menos? — Ela estava tremendo, o rosto contra o peito dele. — Então tem mais?

— Tem! Mas se te abraçar mais um pouco, acho que te machuco. Seus ossos são frágeis, é algo triste. — Ele a soltou devagar, apoiando-a com cuidado contra o tronco da árvore. — E não é bom que eu desperdice minha força em um ato tão improdutivo. É contra minha natureza.

Sem conseguir se explicar, ela tomou a mão dele e a colocou contra o próprio peito, para que ele sentisse as batidas de seu coração. O olhar admirado de Sebastian diante do ritmo descompassado daquele músculo involuntário escondido sob os ossos, a pele e os trajes de luto era a coisa mais encantadora que ela tinha visto até ali: os olhos verdes arregalados, brilhando

como nunca, um sorriso encantado nos lábios. Mas aquilo deu lugar depressa a um tremor de pânico, as mãos dele subitamente geladas contra o calor que ainda corria em seus braços.

— Oh, não... — Ele fechou os olhos, sem, contudo, afastar-se dela, sem remover a mão que comprimia os ossos de Eleanor. — Isso é mau sinal.

— O que significa?

— Que será imperativo gerarmos algo juntos. Posso ver daqui: o futuro já foi escrito.

Quando ele abriu os olhos, Eleanor podia jurar que a cor das íris de Sebastian havia mudado por um instante: estavam cinzas, quase brancas e sem foco, um ponto feito a lápis como pupila. Ele piscou alguma vezes, o corpo todo tremendo: e tudo voltou ao normal. As manchas azuladas voltaram a esfriar, o tremor cessou. Mas o pânico ainda estava estampado em seu rosto, mais humano do que nunca, enquanto ele se afastava um pouco.

— Como iria imaginar? Seu corpo *respondeu*. Você é humana, mas respondeu ao meu chamado. Como é possível? Você é humana! — ele gaguejou. — Isso nunca aconteceu.

— Você já abraçou outras assim? — Eleanor tentou rir, mas também perdera a coragem de antes.

— Muitas, muitas outras... E nunca esta reação. Como posso partir agora? Não posso ir embora! Não agora que achei o que estava procurando.

O som irritante dos corvos em seus ninhos distraiu o jardineiro por um instante: o bater das asas pálidas, gritos de alerta, uma revoada sob o teto alto da estufa... Tudo aquilo foi o suficiente para fazer Eleanor sair correndo, assustada, disposta a não mais voltar, a deixá-lo partir de volta para seu mundo.

Eleanor também tinha a visto em sua mente: não uma criança, mas uma adulta, com aqueles olhos verdes, aquele rosto curioso, a cria daquele abraço, aquilo que ele chamara de imperativo. Do alto de seus dezessete anos, Eleanor tivera medo do futuro que lhe fora apresentado de maneira tão explícita. E medo de desejá-lo na mesma medida de seu pânico, de querer saber como era permanecer dentro daquele abraço, de como seria deixar que aquele calor lhe consumisse até não restar nem mesmo cinzas.



VI. O QUE RESTA

— VOCÊ VAI PRECISAR pelo menos fingir que dorme — Eleanor estendeu a camisola branca sobre a cama do quarto ocupado por Stella — Eu suponho que nisso você seja como ele?

Stella apenas assentiu, ainda admirada com tudo a seu redor, com os objetos nas mesas e dentro dos armários. Pousou a mão por um instante no batente da janela e retirou os dedos, assustada, vendo como surgiam minúsculas folhas esverdeadas das frestas. A senhora viu e deu uma risada leve, chacoalhando a cabeça. Não iria arrancar os brotos daquela vez: que a janela apodrecesse, se fosse o caso. Tinha tanto ainda a perguntar, mas sentia que a garota não conseguiria responder: estava atordoada com tudo, os ombros curvados com um peso invisível que só aumentara depois de encontrar Mark.

O rapaz, tagarela e completamente tapado como o pai, não tinha notado que estava assustando a visitante mais do que a entretendo. Tinha se exibido como o pavão que era; e aquilo fazia Eleanor se lembrar de como tinha aceitado a corte que o pai de Mark lhe fizera, anos antes, por ele ser o oposto de Sebastian. Agitado quando o outro era calmo, um homem que mexia com aço e ferro ao invés de flores e ervas. Loiro e flexível como um gato, ao invés dos cabelos castanhos e das mãos rudes do jardineiro. Um complemento do outro.

— Ele gosta muito de você — Stella disse, por fim. — Mark, eu digo.

Ele gosta muito de você.

— Bem, ele é meu filho!

— Falo porque humanos são cheios de promessas e declarações, e raramente as cumprem. Amor não é algo que exista por decreto. Nem mesmo entre gente da mesma matriz. — Ela virou-se para Eleanor, piscando com dificuldade, os olhos ainda se acostumando com a poeira no quarto, tentando se focar — Vou sentir muito por fazê-lo chorar. Porque me parece que a dor lhe virá desta forma. Ele carrega muita emoção no corpo.

— Então foi por isso que você veio. — Eleanor desviou o olhar. — Deveria ter imaginado.

— Foi o que vocês combinaram. Não foi?

— Sim. Foi o que combinamos. Mas uma coisa é saber em teoria. Outra coisa é quando chega... Quando chega o momento. É um pouco assustador.

Stella assentiu, sentando-se ao lado de Eleanor, tomando suas mãos com cuidado, observando os dedos agora enrugados e a pele flácida, o dorso manchado pela passagem dos anos. Eleanor acariciou os cabelos da garota com um sorriso triste nos lábios. Em sonhos, tinha colocado aquela menina para dormir tantas e tantas vezes. Criança em seus sonhos, a única maneira de vê-la depois de tudo, Stella dormia: era a natureza humana em seu corpo que por vezes vencida. Mas a garota tinha a pele gelada, os olhos muito grandes, o corpo quase oco por dentro: Eleanor tinha medo de colocar a mão nela e escutar o ritmo lento, uma gota por vez, do sangue inútil que lhe corria nas veias minúsculas.

— Não tenho necessidade de sono — Stella disse. — Mas se eu me deitar, você cantaria para mim? Você nunca mais cantou depois que aquele homem foi embora. O pai de seu outro filho. Você ficou tão quieta.

— Ele partiu meu coração.

— Partiu? — A garota franziu a testa. — É possível? Pensei que era algo mole como pele, não como ossos.

— É força de expressão. Quer dizer que sofri quando ele morreu. Fiquei triste. E quando um humano fica triste, seu coração dói de tal forma... Que é como se fosse sólido como osso e tivesse se rachado.. E aí dói.

Eleanor não percebeu que voltara a chorar. Stella deitou-se no colchão, estranhando a maciez e o toque frio dos tecidos, e fechou os olhos. Não dormiria: mas para ter aquelas mãos em seus cabelos de novo, aquela voz lhe aquecendo o centro do peito, ela poderia muito bem se esforçar um pouco.

Entendia agora o que Eleanor quis dizer: aquilo era diferente. O sangue

quente, o vibrar da canção, tudo aquilo lhe aquecia de maneira impossível de recusar ou resistir. Era aquele tipo de força, aquele tipo de imã, que unia os humanos entre si. Podia ver porque era tão desejado, tão procurado. Era algo com o qual era possível se acostumar. Era perigoso, muito mais perigoso do que uma baioneta, do que uma arma com pólvora. Poderia reduzir qualquer um à posição de um bicho em questão de instantes.



VII. A NOITE

SEBASTIAN VOLTOU UM mês depois. Por fora, parecia o mesmo jardineiro de sempre, as mesmas roupas encardidas e as mãos calejadas. Mas Eleanor notou o cansaço em seu olhar, o modo como ele coçava os braços com mais raiva enquanto trabalhava, cavando a terra com ódio, atacando-a em golpes duros. À noite, quando todos dormiam, ela praticamente arrancou as mangas da camisa dele para satisfazer sua curiosidade: as manchas tinham se espalhado até a altura dos ombros, o azul ainda mais profundo, ainda mais gelado ao toque. A estufa estava escura, nem mesmo um lampião ou uma vela, e, no entanto, ela conseguia muito bem enxergar o torso de Sebastian transformado.

— Dói muito? — ela perguntou.

— Dói *muito*. É a reação com o oxigênio no ar de vocês. Incomoda.

— Você não deveria ter voltado, se isso lhe machuca!

— Só dura alguns dias. Logo volto a me adaptar ao seu ambiente. E precisava voltar. Nós dois ainda temos um assunto a tratar.

— Vista-se, pelo amor de Deus. — Ela virou-se de costas. — Você é indecente.

— Foi você quem fez as honras de remover minha roupa. Como posso ser o indecente? — Ele riu, cobrindo os braços com as mangas da camisa. — Creio que sei do que você tem medo. Posso tentar explicar como será?

— Como *será*? — Ela quase engasgou, cobrindo o rosto com as mãos. — Não posso! Tem ideia do horror que seria para mim? Não, você não

entende. As coisas são diferentes aqui. Você não tem ideia do que você está propondo.

— Tenho uma ideia bem clara, na verdade.

— Você é só um jardineiro. De um mundo que eu não entendo, que não conheço, que me assusta. — Ela se afastou, tremendo, as palavras se acumulando no fundo de sua garganta como cola — Você disse que viu como humanos fazem filhos. Você viu o que acontece com as mulheres depois que as crianças nascem? Viu como as pessoas as tratam? Viu a humilhação que me espera?! Para o inferno com o seu *imperativo*!

Eleanor escutou um som estranho, como se alguém se aproximasse pela floresta fora da estufa. Porém, era a floresta quem se aproximava dela: Sebastian tinha as mãos contra o tronco da árvore e um universo de plantas crescia a seu redor, alimentando-se dele. Flores púrpuras abriam-se com pressa, vergando os galhos com seu peso, intoxicando o ar. Eleanor afundou-se nas dobras do vestido, agarrando-se às bordas do corset, surpresa, olhando para o alto: as heras e azevinhos agora cobriam os vidros do teto, escondendo a lua e as estrelas. Tudo cobria os dois como um dossel vivo, um esconderijo, uma prisão.

— Desculpe — ele sussurrou, tão assustado quanto ela, suando frio, tremendo com o esforço. — Você parece me compreender tão bem... Que me esqueço. Esqueço que somos diferentes. Desculpe.

— Está tudo bem — ela respondeu, os olhos ainda fixos no teto coberto de plantas, a respiração difícil. O monstro em seu peito, de novo, queria sair a todo custo, mesmo longe do toque das mãos dele. Seu corpo pulsava de uma maneira descompassada, desesperado por alguma espécie de alívio, algum tipo de libertação que ela não conseguia encontrar. Como ia explicar *aquilo*? Até seu pai, parvo que era, iria notar que a casa de vidro tinha se transformado.

Eleanor baixou os olhos para observar Sebastian se afastar um pouco, depois retornar, passos largos e confusos, tropeçando nas pedras do calçamento, na barra de suas calças. Ele suava, coçando os braços doloridos, as costelas machucadas, os nós dos dedos em carne viva, ou o que deveria ser carne viva, nada senão mais azul escorrendo pelas palmas de suas mãos, evaporando antes de atingir o chão.

— Isso não é tão simples — foi tudo o que ela conseguiu dizer — O que vai ser dessa criatura que você quer? Onde ela vai viver? Como eu vou conseguir viver depois disso? Você é egoísta. Pensa só em sua sobrevivência

e não em mim.

— Não sou. Acho que não sou, pelo menos... Achei que você desejava isso também. Por isso voltei. Precisei brigar para voltar. A gente do meu mundo não acreditou quando disse que tinha achado você.

— Por que você precisa disso?

— Porque é como sou feito. Vivemos para isso: para criar. Sei que é diferente para vocês: não acha que me preocupa? Voltei porque me deram a certeza de que nada desse horror lhe atingiria. E achei... Você vem me ver quando está dormindo. Todas as noites, você atravessa os sonhos e me encontra aqui. Sua voz não demonstra nenhum nojo, nenhum medo. E seus olhos me encaram como se... Me encaram como se me vissem, como se soubessem o tempo todo que eu sou eu! Que seria isso o resultado de nosso encontro. Como iria imaginar que você iria agir como se fosse mais uma humana medrosa?!

Eleanor levou a mão aos lábios. Então não tinha sido real? Nada daquilo? Ela realmente acordava em sua cama e ninguém via Sebastian sair de seu quarto porque ele nunca estivera ali. Fechou os olhos, tentando não chorar, sentindo-se tão oca quanto o corpo do jardineiro, o coração aos poucos parando de bater, o pulso morrendo em suas têmporas. Quando tomou coragem para vê-lo novamente, as plantas haviam desaparecido: e também Sebastian.

Quando abriu os olhos novamente, estava em sua cama, sozinha, febril, exausta. Amanhecia. E plantas brotavam nos balaústres de sua cama.



VIII. A VÉSPERA

ELEANOR ENCONTROU Mark dando voltas pela estufa abandonada, escavando buracos com a ponta de sua bengala. As flores que Stella fizera surgir das cinzas ainda estavam ali, em seus tons terríveis de vermelho, contrastando com o mato seco e as folhas podres. Depois que Sebastian partira, nunca mais viram raposas na região, nem corvos de nenhuma espécie ou cor. Mark crescera em uma casa sem grandes arroubos de cor, o castelo de vidro apenas uma memória extravagante de um velho bonachão e sonhador, sem grandes objetivos concretos na vida. Eleanor chegara a contratar outros jardineiros, mas parecia que a terra não respondia mais aos comandos, não com o mesmo viço.

— É uma criaturinha peculiar, essa tal de Stella, não? — Mark sorriu. — Para lhe convencer a abrir esse elefante branco depois de tanto tempo! As rosas são dela?

— São. São, sim. O pai dela era um excelente jardineiro. Fazia brotar coisas do céu, se quisesse.

— Se a senhora diz, eu acredito... De qualquer forma, é bom ter visitas em casa. Sempre achei que a senhora se isola demais.

— Gosto muito da minha própria companhia, Mark. Não preciso de plateia. — Com um suspiro, apoiou as mãos no que restara da árvore. — Por quanto tempo você vai ficar?

— Espero que por bastante tempo. Mas não sou eu quem decide... É o Exército. Eu sou uma peça na composição deles.

Como contar que ela estava para morrer? Era o que Sebastian tinha lhe dado quando ela partira de seu mundo, deixando-o para trás com Stella: o direito de saber o dia e a hora, a honra de poder planejar a partida para que não fosse um ato de desespero ou uma surpresa incômoda para as pessoas ao seu redor. O futuro já tinha sido vivido; era ela quem finalmente o alcançara. Sebastian lhe garantira que Mark viveria — que atravessaria a guerra que agora se erguia no horizonte, invisível mas cada vez mais próxima; que teria seu futuro e que, por sua vez, seus filhos e netos teriam vidas plenas: às vezes felizes, às vezes infelizes, mas nunca sem sabor.

E Mark não sabia de nada daquilo. Como era presunçoso! Como era estúpido em suas certezas pétreas. O mundo era seu: tinha posses, uma comissão no Exército e a certeza de que estava no lado certo da batalha, do lado correto da História. Stella lhe parecia apenas uma menina, um bicho assustado; se ele soubesse o universo que ela carregava dentro do peito...

Então lhe ocorreu, como um soluço dolorido que fere até o céu da boca, que, como Sebastian, também Stella viera até ali porque sua mãe era humana e seu corpo era curioso; viera para experimentar as emoções que fazem brotar sangue nos lábios e que transformam a alma, que fazem crescer plantas e atordoam as certezas. E se ela caísse na conversa de um homem como Mark?

“Deus, até parece que eu não a conheço”, ela pensou. Ela seria capaz de comer o coração de homens como Mark no jantar. Só lamentava não viver para ver o que ela seria capaz de criar. Assim como lamentava não poder pegar no colo os filhos que Mark teria após a guerra, com a mulher que o montaria como a um quebra-cabeças a partir dos restos que as trincheiras da Bélgica cuspiriam. Não era para ela aquela vida. E doía — de novo o coração se partindo, como se fosse de cristal.

— Quando eu morrer, — ela disse. — espero que você não desmonte esta estufa.

— Oh, mãe, você viverá até os cem anos. — Mark sorriu.

“Convencido e tolo”, pensou. Como o pai antes dele. Como todos os homens... como todos os humanos. E ela o amava apesar disso. Ela o amava porque era seu filho e porque ele era humano, de sangue quente e ideias frágeis, como ela tinha tido um dia. Ela o amava porque ele fora um pequeno milagre: depois de Stella, depois daquela noite em que aceitara o que seu coração mais desejara, ela tinha pensado que sua vida tinha terminado antes mesmo de começar. Como poderia amar novamente a qualquer um depois daquilo?

Mas ela amara: lá estava aquele garoto como prova. Como teria sido, porém, se ela nunca tivesse acompanhado Sebastian pelo véu? Como seriam os olhos que viram o pai de Mark se fossem inocentes, ou cheios do temor que ela tinha antes? Ela na certa teria se submetido, uma esposa como as outras; teria aceitado as regras, o cabresto.

— Não, não vou viver cem anos. E eu realmente quero que você me prometa isso.

— Se lhe alivia a alma, prometo. — Mark sorriu. — Nada de desmontar o elefante branco. Quem sabe? Deus ajudando, encontro uma esposa que goste de rosas. — Apontou as flores no canteiro. — E que aceite esse troço todo. Talvez dê para recuperar!

— Quem sabe? — Eleanor sorriu um pouco. — Seja bom para ela, garoto. Não a trate como um vaso ornamental ou uma imagem de cristal.

— Eu não aguentaria uma semana com uma guria desse tipo... Não tendo afiado meus dentes com você, mãe. — O oficial se afastou um pouco das flores. — Você é mais de ferro do que esse prédio. Eu quero o que você teve com o meu pai. Deus me ajude a achar!

— Deus, meu filho, não tem absolutamente nada a ver com isso — Eleanor disse, enquanto saía da estufa sem olhar para trás. Onde estava Stella? Decerto se escondendo longe dali, longe dos olhos de Mark. Ou então ainda se recuperando. A noite seria cruel para a garota e ela sabia.

Então era isso morrer? Parecia um dia como qualquer outro: as mesmas obrigações, as mesmas horas no relógio. Como o dia em que ela decidira aceitar os termos que Sebastian lhe propusera. Se fechasse os olhos, ainda podia ouvi-lo explicando-se, tentando arranjar palavras que dissessem como seria, o que seria, por que ela não deveria temer. E podia ouvir a si mesma dizendo ‘está bem, eu aceito’. Curiosidade e desejo transformaram seus ossos em ferro e moldaram a vida que terminava naquele instante: uma noite como qualquer outra, uma noite como seria a sua última; quando ela saíra de sua cama bem desperta e seguira com ele para longe, para onde as raposas e os monstros se escondiam.

Porque o mundo estava mudando, ele dissera. Porque ele nascera para aquilo e vivera até ali para aquele instante. Para tentar deixar uma marca. As regras deles eram diferentes: era preciso, simplesmente; não tinha motivo possível de explicar em termos humanos. Para eles, a criação era algo necessário, algo belo: se dois corpos se encontram, devem se unir. Ela

aceitara, por uma noite, jogar o jogo como ele jogava, antes de ser arrastada para o seu devido lugar por algum homem desconhecido de seu próprio mundo.

Se ela teria que ser um vaso, seria para alguém que ela desejava.

E quando viera o homem desconhecido, quem diria, ela jogou com as regras que aprendera com Sebastian. E ganhara. E lá estavam eles, ela e Mark, que nunca teria existido se não fosse por aquela noite e pela coragem que ela ganhara depois de tudo o que lhe ocorreu. Era uma coragem necessária: ela vira horrores que enfim chegavam até eles, em asas de corvos e de aviões funestos.



IX. A FRONTEIRA

SEBASTIAN LHE LEVARA para ver o promontório, a divisão entre os mundos. Ela podia ver as trincheiras, as nuvens de gás tóxico na distância como névoa cobrindo parcialmente as vigias erguidas na lama fétida. O futuro: sangue o suficiente para ensopar a terra. Sangue que a terra não tinha pedido e que ainda assim recebia em grandes quantidades, alimentando as frágeis papoulas e as margaridas sobre os túmulos improvisados.

— Não entendia porque os humanos enterram seus mortos como sementes — ele disse, sentando-se no chão, olhos perdidos no horizonte — Depois entendi. Vocês esperam que eles alimentem a terra que em troca alimenta vocês.

— Mais ou menos isso. — Eleanor voltou-se para ele. — Por que me fez ver isso?

— O futuro está escrito. — Ele suspirou. — Queria lhe preparar o quanto fosse possível. É para este mundo que estaremos mandando aquilo que criamos hoje. Você tem certeza?

— Você disse que era...

— Sim, sim. E é. *Para mim*. Não para você. Ouvi seus argumentos, você ouviu os meus, mas ainda assim não decido sozinho — Sebastian disse, desviando o olhar por um momento, os pés descalços afundados na terra escura. — Vi como os outros humanos fazem quando querem impor sua semente a todo custo. Mas também vi o horror nos olhos das mulheres quando isso acontece.... Irá me custar caro me recusar, mas gosto dos seus

olhos exatamente como são.

Eleanor voltou-se novamente para as trincheiras. Um mundo estranho, sujo, masculino por excelência. O mundo de homens que ela não conhecia: não imaginava seu pai em guerras, seu avô, seus tios. O mundo deles era formado de cavalos de corrida, caças às raposas, conchavos e cortes. Sangue fácil, indolência, sustentado por mulheres, sustentado por conveniências, aço revestido em veludo. Aquele mundo novo era muito mais real e muito mais cruel. Quando ela dissera a Sebastian que aceitava seus termos, ela não tinha considerado a ideia de que seria apresentada ao futuro de maneira tão crua: que teria que considerar a ideia de que seus filhos teriam que passar por aquele terror.

— Ela é bonita? Essa criatura que você viu?

— Ela é como você. Você se acha bonita? Sei que ela conhecerá coisas que nós dois nunca saberemos. Viverá muito... Também sofrerá, porque terá coração humano. Mas é uma característica que a fará muito famosa. Vocês creditam ao coração a coragem e a bondade, não é? Coração de leão. O que é um leão?

— Um gato que cresceu demais. — Eleanor riu um pouco, um instante de leveza diante do caos. — Você poderia ficar, não poderia? Quero dizer, comigo. Conosco. No meu lado. Você é meio humano, afinal. Podemos fugir, começar vida nova. O mundo é grande!

— O mundo, sim. Os conteúdos do nosso corpo, não — Ele suspirou, dando as costas para as trincheiras sangrentas. — Você sentiria falta de casa, como eu sinto. Iria lamentar em seu sono a falta dos confortos que conhece, como eu lamento. Iria lamentar o dia em que nos conhecemos. Isso seria triste. Não seria?

Eleanor assentiu, vendo os corvos que bicavam a terra atrás de sementes, bicando os corpos dos homens que pareciam apenas dormir no chão frio e escuro da batalha. Oficiais graduados e soldados rasos, todos morriam do mesmo jeito. Todos eram enterrados como sementes, no fim. Mas enquanto viviam, não eram iguais: nunca seriam.

Quando teria outra chance como aquela? Uma oportunidade de estar em pé de igualdade com alguém? Ela dançara com fadas imaginárias na infância: agora, um pouco de seu sangue estaria ali, na corte delas, vivendo para sempre.

Ele a levou para longe, trazendo-a pela mão fria. As trincheiras e a lama aos poucos foram sumindo como a fumaça que se ergue das fogueiras,

dissolvendo-se em um céu noturno com muito mais estrelas do que ela tinha imaginado que pudessem existir. Não sentia medo, não aquele medo que lhe gelava as entranhas quando imaginava a noite de núpcias com aquele estranho que viria em seu futuro; era como se inclinar em uma sacada e ver a distância entre seus pés e o chão, a vertigem de se imaginar caindo e caindo sem nunca tocar enfim o solo.

E se tudo aquilo fosse uma ilusão, outro delírio de uma febre, uma doença que ela não se lembrava de ter contraído? Era uma possibilidade que ela considerou por um tempo, enquanto a floresta se erguia ao redor deles, árvores altas como montanhas, o chão forrado de flores estranhas com pétalas pontiagudas como cristal quebrado. A pele dele parecia mais brilhante, sem as manchas azuladas e frias: estava em seu elemento e, ali, ele era belo como um amanhecer.

E quando ele a abraçou novamente, a princípio com receio, sabendo que ela tinha ossos frágeis, lembrando de quanto tinha custado tudo aquilo e quanto custaria ainda, ela estranhou não sentir as placas de mármore em seus braços. Era algo completamente diferente, ainda mais cálido e assustador; o monstro, que antes apenas ameaçava sair de dentro de seu corpo, rugia de tal maneira que fazia seus joelhos se dobrarem, fazia seus pulmões doerem por causa do ar seco, apoiando-se contra Sebastian para poder continuar simplesmente respirando.

Ele era parte humano e o desejo lhe viera como a um humano sem que ele notasse, sem que fosse possível impedir. Fora uma revelação, uma maneira bem dolorosa de quebrar seu orgulho. Ele não era muito melhor do que aqueles homens que vira pelas janelas e frestas de portas, nos dias que caminhara antes de encontrar pouso na casa de vidro: também tinha necessidade de invadir, de fazer sangrar e fazer doer. Mas, ao mesmo tempo, juntos daquela forma, não parecia humilhante ou grosseiro: era para isso que tinham sido criados. A natureza recompensava muito bem quem fazia o trabalho dela e acolhia quem se entregava ao destino.



X. O DOSSEL

ELEANOR DEITOU-SE NA cama novamente, puxando os lençóis até o queixo. Stella sentara-se a seu lado, já vestida para partir, as roupas sujas de terra manchando um pouco os lençóis brancos. Podia ver agora as manchas nos braços da garota: não eram azuis como as de Sebastian, mas verdes como jade, as mesmas veias brancas por debaixo das placas frias, mais polidas do que as de seu pai, mais flexíveis. Uma pequena evolução da espécie: falava com mais facilidade do que ele, em um tom de voz mais claro. À luz fraca do abajur, Eleanor via como as duas se pareciam — como Stella tinha o mesmo perfil da avó que nunca conhecera, a mesma curva do queixo e do nariz. Como os cachos de seu cabelo caíam nos seus olhos exatamente como Sebastian.

Elas só se viam em sonhos, na imaginação sempre quente de Eleanor: porque ela aceitara os termos do acordo, tivera que aceitar também a distância dos mundos, ser mãe apenas em instantes pequenos durante o sono. Como seria agora? E como seria com Mark? As dúvidas ainda lhe corroíam o cérebro, mas não havia como lutar. A hora chegara: ninguém poderia viver aquilo por ela.

— Dói? — Eleanor perguntou, tocando o braço frio da filha.

— Dói. Mas já passa. Como você se sente?

— Estranha. — Ela sorriu — Não parece que eu vou morrer.

— Como deveria parecer?

— Não sei. Muda de pessoa para pessoa. Meu pai se queixava de dor.

Tossia loucamente. Minha mãe... Minha mãe via espíritos. Dizia que um demônio viera lhe buscar.

— Pai disse que os homens deste mundo o chamavam de demônio. Talvez sua mãe também tenha estado com um de nós no passado.

Eleanor riu um pouco, fechando os olhos. Por que não? Teria sido alguma alegria para a velha senhora. Mal se lembrava dela: passara mais tempo de vida sem sua presença do que ao seu lado. Sua mãe cheirava a capim-limão e lavanda, era o que mais lhe vinha à mente: um odor de Verão, de vida nova, de um mundo do qual ela começava a sentir saudade. Tinha se acostumado com a ideia da vida, com a passagem do tempo, a mudança das estações. Acostumara-se com a decadência de seu castelo de vidro, com o luto pelo marido, com a distância dos filhos em sonhos ou em quarteis, com a saudade que sentia de Sebastian quando estava acordada e a do pai de Mark quando estava dormindo.

— Você disse a seu filho o que aconteceria?

— Achei melhor não. Ele iria fazer perguntas... E na certa ele não iria gostar das respostas. Não creio que minha raça compreenda despedidas muito bem.

— Oh... Espero que ele não me culpe!

— Eu não acho que ele teria como saber, meu amor. — Ela forçou um sorriso, respirando fundo. — Você promete uma coisa? Que vai olhar por eles de vez em quando? Ele e a esposa que um dia virá. Eu me preocupo. Mark é como o pai dele... Como o avô. Sem a menor ideia de como viver...

— Mãe. Ele saberá. A guerra vai lhe ensinar. — Stella suspirou, uma mão acariciando os cabelos grisalhos de Eleanor. — É horrível dizer isso. Até eu sei. E sinto muito por dizê-lo. Mas ele saberá como cuidar de si. E dos que virão com ele. Por ele. Não se preocupe. Apenas... Apenas descanse. Está terminando.

Eleanor fechava os olhos e sua respiração parecia mais leve. O sono era inevitável: a passagem começara. Stella permaneceu ali, em silêncio, os dedos compridos tocando o dossel da cama, o pouco sangue que tinha em si pulsando em suas unhas contra a madeira envernizada.

E Eleanor, à medida em que o torpor lhe tomava em ondas, lembrava de outra noite, um mundo que não existia, a memória que nunca lhe abandonara em todos aqueles anos: o corpo de Sebastian, enfim dormindo, exausto, mais humano do que ela jamais seria, debaixo daquele céu estrelado. Era para ele, para aquela noite, aquela floresta, que ela sempre voltava quando estava

acordada. Era para o que deixara para trás, um ano que se passara como uma noite em seu mundo: para Stella que deixara nas mãos dele, para a promessa que ele fizera de que ela voltaria quando fosse a hora.

E antes de perder a consciência, ela notou o perfume das flores uma vez mais, forte e adocicado, como aquela noite de nevasca tantos anos antes. As glicínias de novo: aquilo que Sebastian lhe deixara e tudo o que veio depois — o pai de Mark, que também amava aquelas mesmas flores, que tinha lhe pedido em casamento debaixo daquelas mesmas flores, mas não tinha talento algum para fazê-las florescer. E Mark, que crescera debaixo daquelas flores. E Stella novamente, fruto de sua curiosidade, acariciando seus cabelos em silêncio.

Quando Mark entrou no quarto na manhã seguinte, tendo que arrebentar a porta trancada porque Eleanor não respondia seus chamados e a tal Stella não estava em lugar nenhum, foram as flores o que ele notou primeiro: uma cortina viva de glicínias e lírios, de damas-da-noite e heras, uma revolta de tons de púrpura e verde cobrindo toda a extensão da cama, pendendo do teto e dos balaústres. Quando ele conseguiu arrancar as plantas, abrindo um caminho e cortando-se com espinhos afiados que nunca tinha visto naquele tipo de vegetação, viu a mãe deitada no leito, fria, um sorriso aliviado no rosto já drenado de sangue, azevinhos e relva florida como cobertor e travesseiro. Nunca parecera tão feliz aos seus olhos, nunca estivera mais tranquila.



XI. 1919

ERA NOITE, NENHUM som senão o vento batendo nas vidraças limpas da estufa, a luz da lua cheia se espalhando pelos jardins. Já fazia algum tempo que Mark se dedicara à reforma da casa de vidro desde que retornara das trincheiras na Bélgica. Sua esposa gostava particularmente das rosas que pareciam insistir em crescer em cores chamativas, esgueirando-se na estrutura de ferro agora pintado de verde-floresta. O filho pequeno do casal aprendia a andar entre aquelas alamedas e se ocupava em arrancar brotos do chão, fossem ervas daninhas ou trevos, ou mesmo plantas por nascer. Havia uma outra criança, ainda no ventre da mãe. Talvez uma menina? Mark gostava de imaginá-la como a dona daquele castelo imaginário, como Eleanor um dia tinha sido.

Se perguntassem a Mark sua planta preferida dentro daquele castelo imaginado, ele diria que eram as glicínias. Eram o motivo pelo qual as pessoas vinham de longe para conhecer os jardins da casa: não importava a época do ano, havia sempre uma cascata de flores em vinte tons de púrpura em algum lugar da estufa, com seu perfume pesado e envolvente. O que ele fazia para que aquelas flores tão frágeis, símbolos do verão, perdurassem até mesmo quando nevava do lado de fora?

Aquele era o segredo que Mark guardava em si e que o fazia andar em círculos pela estufa durante as noites, quando sua esposa e seu filho dormiam. Às vezes Stella vinha lhe visitar: nem sempre, mas de quando em quando, longe dos olhos dos outros ocupantes da residência, junto das plantas,

trazendo com ela as raposas e os corvos brancos. Naquela noite em especial, ela viera. Estava sentada justamente debaixo das flores roxas, ocupada em trançar os galhos finos da planta, brotos pálidos escapando entre seus dedos finos.

— Algo lhe preocupa — Mark disse, sentando-se diante da meia-irmã.

— Por que diz isso? — A voz de Stella parecia ter ganhado mais força com a passagem dos anos. Ela era mais articulada do que quando tinham se encontrado pela primeira vez. Certamente mais articulada do que no dia em que a mãe de ambos morrera, em que ele a encontrara encolhida naquele mesmo local, escondida debaixo de uma selva voraz de espinhos e folhas cortantes: a maneira que ela encontrara para se proteger do que ela achava que era a fúria do soldado com o que tinha ocorrido.

Ele, que sempre soube de tudo, de certa maneira. A mãe lhe contara histórias de fadas e de jardins quando era pequeno. E ele tinha sido bem tolo de acreditar que eram só histórias para que ele dormisse, até o dia em que precisou ver a verdade. Primeiro ali, naquela casa de vidro, e depois nas trincheiras, quando tudo o que ele tinha sido se perdera pelo caminho. Tinham sido as plantas que o fizeram reviver depois do inferno. Uma coisa era imaginar, outra era ver: uma coisa era imaginar uma guerra ou uma fada, outra era saber que existiam. As duas revelações lhe foram brutais, mas ao atravessar a brutalidade ele encontrou algum tipo de existência. Não era uma resposta, mas pelo menos um bom começo.

— São seus dedos. — Ele apontou os galhos trançados. — Ocupados demais em criar. Se você é mesmo filha de Eleanor, isso significa que sua cabeça está cheia.

— Bem... Talvez eu esteja fugindo um pouco do que me espera. De ter encontrado o meu eco no mundo. — Ela deixou os galhos de lado, flexionando os dedos cansados. — E o que lhe preocupa? Seus olhos também carregam fantasmas.

— Acordei com outro daqueles pesadelos. Ypres... *De novo*. — Suspirou — Às vezes eu me pergunto, sabe? Tantas pessoas melhores do que eu naquelas trincheiras. Mais honestas. Mais decentes. Com família. Esposas, filhos esperando. Eles morreram e eu fiquei. Por que?

— Não sei. Não é você quem escolhe o que fica e o que some.

Mark assentiu, olhando um pouco para o alto, para a lua que cruzava o céu escuro, a luz pálida filtrada pelo cristal das placas transparentes no teto. Um castelo erguido por capricho, tantas décadas antes. Uma aposta para um

futuro que seu criador não vira, mas que decidira imaginar. E todo o resto que acontecera... Quem seria capaz de prever?

— Devemos parecer ridículos a seus olhos, não? — ele disse. — Com nossos desejos fúteis. Ritos sem utilidade. E essa propensão a achar que controlamos as coisas, que podemos dominar a nós mesmos. Por que ainda insistem em se envolver conosco?

— Oh, temos muito em comum. Não vemos muito longe. Somos tão presunçosos quanto vocês. Mas somos capazes de criar coisas belas e vocês também. É que vocês pensam muito em conquistas e esquecem do resto. — Ela riu, puxando um dos galhos floridos para perto do rosto. — Pensam muito em como são fortes e esquecem que são feitos de vidro!

— Oh, Stella... Mas vidro pode ser bem forte! — ele disse, apontando o teto.

Stella sorriu um pouco, olhando para onde Mark tinha apontado, os ramos de flores outra vez brotando de seus dedos sem que ela notasse, a lua iluminando a terra vermelha, as plantas e as flores, imutáveis apesar de tudo.

SOBRE A AUTORA

Anna Fagundes Martino é escritora. Nascida em São Paulo em 1981, é mestre em Relações Internacionais pela *University of East Anglia* (Inglaterra). Teve trabalhos já publicados em revistas como a britânica "Litro" e interpretados na Radio *BBC World*. "A Casa de Vidro" é sua primeira noveleta em português.

Comece a ler, agora, "Um Berço de Heras", continuação de "A Casa de Vidro".

SINOPSE

Belfast, 1924. Um homem acusado de assassinato põe um presídio inteiro em pânico: como é possível que nasçam flores e plantas de dentro de uma fria cela de concreto? Na tentativa de investigar o caso, um capitão do Exército vai se deparar com um mundo desconhecido - e com fantasmas que ele desejava ter esquecido.



PRÓLOGO -

MONS, BÉLGICA, 1914

O CAPITÃO NIGEL HASTINGS, após uma noite de pesadelos, foi despertado ao amanhecer por um som que lembrava os rugidos de um leão.

O ruído vinha do necrotério, uma instalação improvisada pelos voluntários da Cruz Vermelha no que, um dia, havia sido uma bela capela dedicada à santa padroeira de Mons. Agora era apenas uma estrutura mal-ajeitada, com buracos de morteiro no teto e de tiros nas paredes, cujo odor de amônia, lama, pólvora, sangue e clorofórmio era sentido a quinhentos metros em todas as direções.

Juntou gente de todo lado para testemunhar o ocorrido: lá estava o oficial Éamonn Delaney, da Guarda Irlandesa, olhos castanhos muito arregalados e sem foco, o rosto e o pescoço tão rubros quanto seu cabelo. Estava sentado no que deveria ser seu caixão, agarrando o rosário de contas verdes que tinham posto em suas mãos inchadas e ainda muito pálidas, rígidas do *post mortem* do qual tinha sido rudemente despertado.

O capelão da tropa, gaguejando, não sabia se jogava água benta no rapaz de Belfast ou se mandava chamar o bispo para comprovar o milagre. Os outros soldados da Guarda não tiveram a menor dúvida do que fazer: caíram de joelhos no meio do mármore encardido e puseram-se a rezar. O médico do pelotão, parado diante do homem que pronunciara morto horas antes, tentava examinar o soldado sem sucesso, sendo enxotado com empurrões pelo ex-cadáver enfurecido, que xingava tudo e todos em um idioma que poucos ali compreendiam.

Nigel se aproximou do caixão e arrancou as plantas que se enrolavam nos pés e nas pernas do seu ocupante. As folhas verdes em seus caules escuros cortavam os dedos e faziam a pele arder. E em nenhum momento o

ruído cessou.

Anos depois, as pessoas diriam que anjos tinham salvado a pele do pelotão britânico em Mons. Aquela era uma informação sempre dita em voz baixa e olhos no chão, o corpo se encolhendo involuntariamente para contar um segredo que pode alterar os mundos. Eles estavam condenados à morte e à desonra após uma série de estratégias falidas de ataque, o exército alemão tripudiando sobre eles e engolindo o que restava da Bélgica traída e abandonada.

Quem contava a história sempre terminava dizendo a mesma coisa: tantas tinham sido as baixas e tamanho era o desespero da tropa que só mesmo Deus, na forma de estranhas figuras que marcharam à frente de todos como os arqueiros da mítica batalha de Azincourt, poderia ter salvado a tropa.

E quem estava lá fazia questão de relembrar do soldado ressuscitado em um misterioso berço de heras, um homem renascido com a fúria de uma fogueira santa: se aquilo não tinha sido um sinal de que Deus estava com eles, o que mais poderia ser?



I. 1924

OS CARCEREIROS DO PRESÍDIO DE de Crumlin Road, no norte de Belfast, tinham um método bem eficaz para emudecer até mesmo os prisioneiros mais ferozes: entravam nas celas sem aviso e mediam o tanto de corda que seria preciso para enforcá-los. Faziam isso especialmente com os homens que ainda não tinham sido julgados, para que eles tivessem uma ideia do que lhe esperava se o juiz proferisse a sentença sem volta: um laço de nó móvel que decretaria o fim de seus dias.

Enforcamentos são uma ciência exata: o peso do futuro cadáver, a circunferência do pescoço, a constituição do corpo, tudo influencia o resultado final. A ideia do executor era garantir que tudo terminasse o mais rápido possível – não necessariamente sem dor para o condenado, como era possível de concluir pelo modo como os carcereiros comentavam sobre os homens que tinham dançado no cadafalso antes, pelo modo como tratavam os corpos enterrados sem nome nem prece nos fundos da prisão – iniciais e data de morte na parede o único indicativo de sua passagem pela Terra.

Para o desprazer dos carcereiros, no entanto, o homem na cela de número dezoito nunca esboçava reação ao ter a corda de sisal apertada a ponto de arrancar sangue; ele apenas mantinha os olhos castanhos focados em algo na distância, esperando em silêncio pelo fim da sessão de tortura, indiferente aos comentários sobre sua aparência ou seu crime. Ele não atendia mais pelo próprio nome, tampouco: como os criminosos mais perigosos, ou os homens à beira da canonização, ele era mais conhecido por um apelido que não fazia muito sentido, a não ser que você o conhecesse.

– Sendo bem honesto com o senhor... – o chefe dos carcereiros disse naquela manhã para seu visitante uniformizado, enquanto cruzavam o corredor central da cadeia. – O sujeito também ficou bem surpreso da

primeira vez que aconteceu. Quase chorou quando a gente limpou a cela, feito criança quando perde o brinquedo.

– Mas aconteceu de novo no dia seguinte.

– E em todos os dias desde então, senhor. Três semanas, já. Não falha nem um dia sequer. É por isso que achei melhor convocar ajuda. A gente até chamou um padre, o senhor vê, mas o bicho lá não abriu a boca! O médico daqui disse que ele não é nem surdo e nem mudo, entende direitinho o que estamos dizendo. Então... O senhor vê... Ele não tem família, não tem registro. Tudo que a gente achou foi que ele serviu o Exército. Se o senhor diz que o conhece, então, né... Talvez consiga arrancar alguma coisa dele.

– Do que ele foi acusado?

– De ter matado um policial. Deve ter matado. O senhor vai ver, capitão Hastings. É um demônio! Esses católicos encardidos sempre falam de anjos e dos santos, mas são eles os piores tipos. Não se mexe, passa o dia olhando pro teto como se já tivesse morrido. Não recebe visita, mal come. Tô dizendo, o sujeito tem pacto com o tnhoso, ninguém acredita em mim. Deve estar planejando nossa morte enquanto dorme, o filho da mãe.

Nigel Hastings não fez nenhum comentário, apenas observou o chefe dos carcereiros abrir a pesada porta da cela.

O verde cegou os olhos do militar por um instante muito breve. Heras, heras em todos os cantos: nas paredes, no teto, no chão, uma cortina que tapava a luz do Sol que vinha da ridícula janela no alto do cômodo. Plantas se acumulavam em grossas camadas: orquídeas em tons ofensivos de rosa e camélias brancas como cera disputavam o espaço de quatro metros por dois com cogumelos, capuchinhas e dentes-de-leão. No centro da floresta, alto demais para seu catre na cela, mãos trançadas atrás da nuca e olhos fechados, o homem apelidado de Jardineiro parecia dormir. O macacão de brim grosso contrastava com o rubro do cabelo que insistia em crescer em tufo mesmo após ter sido raspado, como era costume aos prisioneiros recém-chegados. Ele ainda carregava em si as equimoses de sua passagem por uma delegacia de bairro, semanas antes.

Nigel sentiu o estômago mareado, o suor frio a lhe empapar a nuca. Se fechasse os olhos, poderia ouvir novamente o som dos morteiros, sentiria o cheiro de éter e gás mostarda em suas narinas, queimando-o uma vez mais. E, acima de todas aquelas sensações, os rugidos que lhe acompanhavam em pesadelos desde aquele amanhecer funesto, tantos anos antes.

Esperamos que tenham gostado do primeiro capítulo. Para ler mais de “Um Berço de Heras”, adquiram sua cópia digital. Disponível em todas as livrarias.

**DAME
BLANCHE**